

## A IDENTIDADE MORFOLÓGICA DA FRENTE RIBEIRINHA: O CASO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES E O RIO PARAÍBA DO SUL

*Mariana Cristina Sala Oliveira Reis<sup>1,2\*</sup>*

### RESUMO

REIS, M.C.S.O. A identidade morfológica da frente ribeirinha: o caso de Campos dos Goytacazes e o Rio Paraíba do Sul. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 11, n.34, p.01 – 22, 2021.

O presente artigo apresenta uma análise do desenvolvimento das relações entre Campos dos Goytacazes e o rio Paraíba do Sul, com sua forte presença na morfologia urbana. O objetivo é apontar as transformações econômicas que estimularam as principais transformações na frente ribeirinha. Foi utilizada uma abordagem metodológica qualitativa a partir de análise cartográfica, registros fotográficos e dados bibliográficos e documentais que permitiram uma compreensão do desenvolvimento urbano e da identidade formada pela frente ribeirinha do rio Paraíba do Sul com a cidade de Campos dos Goytacazes. Como resultado, foram elaborados mapas que representam os principais eixos desencadeadores do desenvolvimento urbano e territorial do município de Campos dos Goytacazes, sendo possível, a

partir destes, avançar no estudo das relações das frentes ribeirinhas e o espaço urbanizado no Brasil. A sistematização destas relações e as mútuas adaptações entre rios e cidades foram marcadas ao longo da história por diferentes ciclos. Considerando que cada lugar tem sua memória e suas singularidades, este trabalho sugere que a população somente valorizará suas paisagens fluviais quando compreender a sua importância e identificar seus significados. Para além de estabelecer princípios, diretrizes e normas, é necessário programar ações que influenciem no desenvolvimento urbano, aproximando a população, investindo em sua conscientização ecológica sobre recursos hídricos e valorizando a importância da paisagem para as atuais e futuras gerações.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento urbano; Frente Ribeirinha; Identidade.

<sup>1</sup>Graduada em Arquitetura e Urbanismo na Pontifícia Universidade Católica de Campinas/PUCCamp/Campinas/São Paulo.

<sup>2</sup>Doutoranda em Urbanismo na Universidade de Lisboa/ULisboa/Portugal.

(\*e-mail: [salamariana@gmail.com](mailto:salamariana@gmail.com))

Data de recebimento: 10/08/2021 Aceito para publicação: 12/11/2021 Data de publicação: 20/12/2021

## THE MORPHOLOGICAL IDENTITY OF THE RIVERSIDE FRONT: THE CASE OF CAMPOS DOS GOYTACAZES AND THE PARAÍBA DO SUL RIVER

*Mariana Cristina Sala Oliveira Reis<sup>1,2\*</sup>*

---

### ABSTRACT

REIS, M.C.S.O. The morphological identity the riverside front: the case of Campos dos Goytacazes and the Paraíba do Sul river. **Online Perspectives: Applied Human & Social**, v. 11, n.34, p.01 – 22, 2021.

This article presents an analysis of the development of the relationship between Campos dos Goytacazes and the Paraíba do Sul river, which is strongly present in urban morphology. The objective is to point out the economic changes that stimulated the main transformations on the riverfront. A qualitative methodological approach was used based on cartographic analysis, photographic records and bibliographic and documental data that allowed an understanding of both urban development and identity created between the Paraíba do Sul riverfront and the city of Campos dos Goytacazes. As a result, maps were drawn up representing the main triggers of urban and territorial development in the municipality of Campos dos Goytacazes, making it possible, thus, to advance in the study of

the relationship between riverfronts and urbanized spaces in Brazil. Systematization of these relationships and mutual adaptations between rivers and cities have been marked throughout history by different cycles. Considering that each place has its memory and its singularities, this work suggests that the population will only value its river landscapes when they understand their importance and identify their meanings. In addition to establishing principles, guidelines and norms, it is necessary to implement actions that influence urban development, bringing the population closer together, investing in their ecological awareness concerning water resources, and valuing the importance of the landscape for the present and future generations.

**Keywords:** Urban development; Riverfront; Identity.

---

<sup>1</sup>Graduate in Architecture and Urbanism at the Pontifical Catholic University of Campinas/PUCCamp/Campinas/São Paulo.

<sup>2</sup>PhD student in Urbanism at the University of Lisbon/ULisboa/Portugal

Receipt date: 10/08/2021 Accepted for publication: 12/11/2021 Date of publication: 20/12/2021

## 1. INTRODUÇÃO

“As cidades imprimiram aos rios que as atravessam um forte cunho cultural e patrimonial, contribuindo para a diversidade e qualidade da paisagem, refletindo-se no espelho do “seu” rio construindo valores identitários e simbólicos que marcam esta intensa, mas nem sempre pacífica relação” (SARAIVA, 2009).

Muitas cidades passaram por diferentes transformações ao longo do seu desenvolvimento e, com elas, as funções dos rios também se alteraram; em Campos dos Goytacazes não foi diferente. Este tema expressa mudanças de paradigmas que ocorrem em diferentes lugares e que vêm modificando a paisagem e criando novas utilizações. Para melhor compreender como se deram estas transformações na cidade de Campos dos Goytacazes, é preciso observá-la desde sua formação e identificar os momentos históricos que marcaram estas mudanças. Muitas foram as transformações urbanísticas que os espaços urbanos sofreram no decorrer dos principais ciclos econômicos que impactaram nas dinâmicas da cidade. As cartografias mostram este crescimento urbano e os impactos que impulsionaram e transformaram a paisagem da beira do rio, demonstrando o crescimento urbano e as alterações na paisagem, assim como as mudanças de comportamento da população e sua relação com o rio Paraíba do Sul.

A paisagem da cidade de Campos tem sido fortemente marcada pela presença do rio Paraíba do Sul desde quando o núcleo urbano surgiu junto à margem direita deste rio em meados século XVI – época em que Dom João III, rei de Portugal, doou a Pero Góis da Silveira, na capitania de São Tomé, as terras que logo receberam o nome de Vila de São Salvador. Segundo Faria (2005), essa ocupação veio do litoral para o interior, da região hoje conhecida como Farol de São Tomé em direção a Campos através do rio Paraíba do Sul. Tais terras eram favoráveis ao cultivo de cana-de-açúcar, mas também à criação de gado – que nelas foi criado para abastecer a cidade do Rio de Janeiro. Apesar desta proximidade histórica, sua relação atualmente consolida-se de forma fragmentada e omitida (FARIA, 2005).

Historicamente, a relação entre a produção canavieira e a cidade de Campos dos Goytacazes começa no período colonial e sabe-se que esse tipo de cultivo foi escolhido de forma estratégica para ocupação do território local. O ciclo do plantio da cana de açúcar (posteriormente também direcionado à produção de álcool) teve forte influência na formação da cultura local, visto que, por muito tempo, a cana foi a base da economia da cidade. Até o século XVII, o Brasil havia se tornado o maior produtor mundial de

açúcar e no Rio de Janeiro esta cultura floresceu na região norte fluminense a partir de 1620 até seu declínio em 1760.

Partindo da reflexão feita por Saraiva (2009), esta relação cidade-rio acaba se mostrando uma em que muitos rios são canalizados e desviados do seu traçado original e em que também pode haver uma fase de degradação e abandono como reflexo do desenvolvimento urbano e industrial – geralmente ocasionando a poluição dos rios e sua contaminação por esgoto urbano. Neste mesmo pensamento, a tomada da consciência vem com a fase de recuperação e sustentabilidade, onde os valores ambientais, culturais, sociais, econômicos e simbólicos são restaurados. Observando, então, esta sequência para os casos do Brasil e de Campos dos Goytacazes, este processo exhibe as seguintes fases: rio natural, industrialização e rio em abandono até seu redescobrimto conforme ilustrado no Diagrama 1 abaixo.

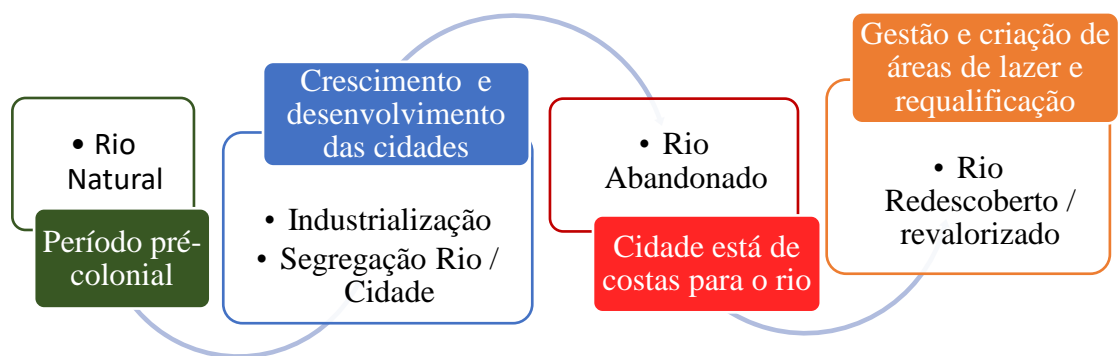


Diagrama 1: Contextualização do caso de estudo. Fonte: Elaboração da autora a partir de Saraiva, 1999.

O emblemático Rio Paraíba do Sul nasce com o nome de Paraitinga (“Águas Claras” na língua indígena) no alto da Serra da Bocaina, município de Areais, estado de São Paulo. Formado pelas abundantes chuvas que caem nesta região durante o verão, recebe oficialmente o nome “Paraíba do Sul” ao se juntar ao rio Paraíba (“Águas Escuras”) já no município paulista de Cunha. A partir dali, o rio protagoniza uma trajetória de 1.150 quilômetros de extensão até sua foz no litoral norte fluminense em Atafona, no município de São João da Barra (ASSOCIAÇÃO PRÓ-GESTÃO DAS ÁGUAS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PARAÍBA DO SUL, 2011).

A bacia hidrográfica do rio Paraíba do Sul estende-se pelos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro; ela abrange 180 municípios, dos quais 36 estão parcialmente inseridos na bacia, com uma população urbana de aproximadamente cinco

milhões de habitantes segundo o Censo de 2000 do IBGE (AGÊNCIA NACIONAL DE AGUAS, 2011). Suas margens são ocupadas de diferentes formas que vão desde a ocupação rural (fazendas de gado e plantações diversas) à ocupação urbana (com o problema do despejo de esgoto e lixo) e à ocupação industrial (com eventuais acidentes e despejos químicos). Desta forma, são múltiplos e diferentes os usos e possibilidades de impactos em uma região bastante desenvolvida, urbanizada e explorada do Brasil (PATRIANI & CUNHA, 2010).

Diversos autores sistematizaram as relações e as mútuas adaptações entre rios e cidades, ressaltando como essas relações foram marcadas ao longo da história por diferentes ciclos, entre decadência, degradação e por último a valorização e a revitalização.

Segundo Chrysostomo (2017), a partir de relatos de viajantes, políticos, engenheiros e padres, ao longo do século XIX é possível verificar a maneira como se deu a dinâmica da região, cuja associação entre os fluxos de pessoas e produtos se desenvolveu através do uso e controle dos rios. A cidade de Campos localizava-se estrategicamente no encontro do rio Paraíba e seus afluentes: um local que lhe permitiu desenvolver uma função importante de centro distribuidor. Assim, Campos intermediou, de um lado, a ligação entre as cidades de São João da Barra e Macaé e, do outro, fomentou o abastecimento do mercado da Corte no Rio de Janeiro por um longo período. Ao longo do século XIX, o Rio Paraíba do Sul apresentou um importante papel na estruturação da vida urbana e circulação de mercadorias, sendo a principal "estrada líquida" de penetração na região com função econômica e social para toda a província (LAMEGO, Op. Cit.). A localização estratégica de Campos permitiu desenvolver uma centralidade de distribuição e articulação com as vilas e cidades da região.

Por volta de 1500, iniciou-se, no Brasil, o ciclo da cana-de-açúcar, que durou até 1760. Até o século XVII, nosso país se tornou o maior produtor mundial de açúcar. No Rio de Janeiro, esta cultura floresceu na região norte fluminense a partir de 1620 até seu declínio em 1760. Conhecido como "ouro negro", o café teve seu ciclo iniciado como decorrência da queda da exportação de cana-de-açúcar, passando a ser o principal produto de exportação pouco tempo depois da chegada das primeiras mudas ao Brasil, por volta do século XVIII. Este ciclo ficou marcado pelo enorme desenvolvimento econômico, com a construção de ferrovias e implantação de iluminação pública. Décadas depois, por volta de 1950 houve uma intensa urbanização que acarretou

precariedade do saneamento básico, crescimento da poluição ambiental, alterações hidrológicas e morfológicas e ocupações irregulares das margens ribeirinhas (PINTO, 2006).

Na linha temporal (Diagrama 2), estão representados os principais ciclos econômicos de que o rio Paraíba do Sul foi testemunha, as principais intervenções que sofreu ao longo dos anos e de que maneira isso refletiu na relação cidade-rio.

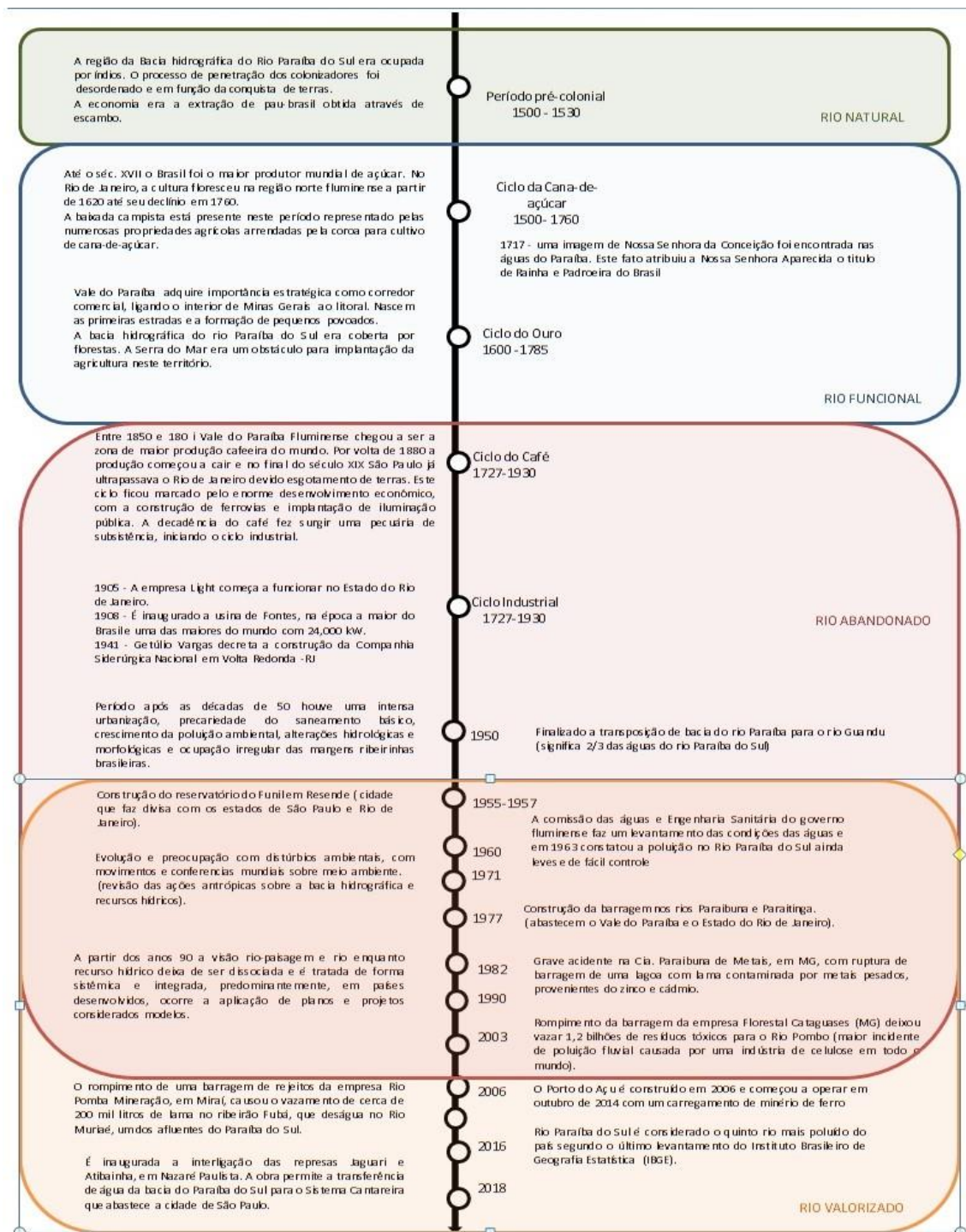


Diagrama 2: A participação do rio Paraíba do Sul nos principais ciclos econômicos no Brasil. Fonte: Elaboração da autora a partir das obras de Luís Patriani e Vladimir Cunha (2010); Victor Coelho (1937).

## 2. OBJETIVO

O objetivo deste estudo foi verificar como as mudanças econômicas estimularam as transformações urbanas e afetaram a sua conformação – assim como a utilização dos espaços públicos. Apesar de muito debatido, o tema abordado é ainda pouco explorado e modesto em ações no Brasil. Este documento propõe-se a analisar como tais relações se deram na cidade de Campos de Goytacazes, nas escalas geral e local, a partir das mudanças na estrutura espacial da cidade ocorridas desde a sua formação. Nas escalas, os desempenhos foram determinados através da representação cartográfica, de gráficos e diagramas.

## 3. METODOLOGIA

A abordagem metodológica é de natureza qualitativa através da análise de cartografias e de dados de desenvolvimento urbano, apoiada numa revisão bibliográfica e documental. A apresentação desta análise a partir de mapas pretendeu salientar as transformações urbanísticas no espaço urbano no decorrer dos principais ciclos que impactaram a dinâmica dos espaços públicos na cidade, bem como elaborar mapas que demonstraram como o crescimento urbano e os impactos impulsionaram e transformaram a paisagem da beira do rio.

Para tal, esta pesquisa tratou do caso de Campos dos Goytacazes dada a forte presença do Paraíba do Sul na paisagem urbana desde sua origem até os dias atuais. Essas fases de transformação do rio e suas margens foram divididas em quatro períodos.

Optou-se pela investigação e análise de métodos aplicáveis à realidade local identificada inicialmente através das cartografias existentes no plano diretor da cidade bem como em outros planos de intervenção. Neste estudo foi necessário identificar os processos de crescimento e os momentos históricos que marcaram estas mudanças, criando uma nova leitura do espaço para a definição dos caminhos que resultassem numa contribuição para Campos dos Goytacazes, seguidos por um planejamento das medidas necessárias para implementação da beira-rio.

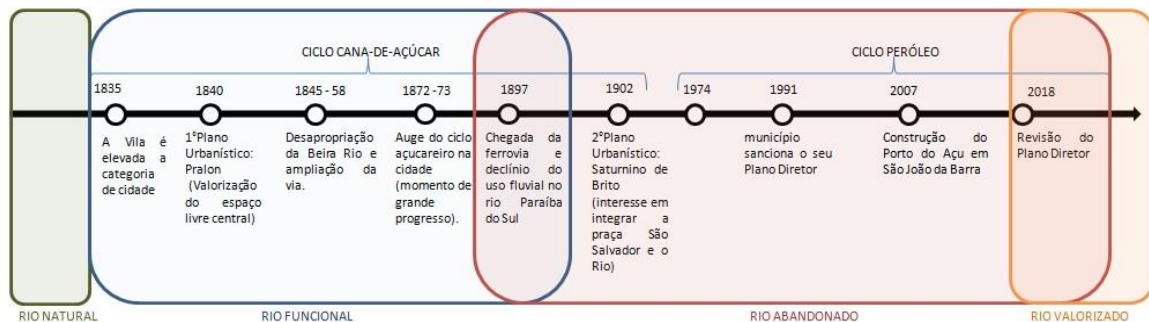


Diagrama 3: Períodos históricos que impactaram na relação e crescimento da cidade junto ao rio Paraíba do Sul. Fonte: Elaboração da autora a partir das obras de Luís Patriani e Vladimir Cunha (2010) e Victor Coelho (1937).

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Historicamente, a relação entre a produção canavieira e a cidade de Campos dos Goytacazes se inicia no período colonial, tendo em vista que esta atividade foi escolhida como estratégia de ocupação do território local. O ciclo do açúcar, posteriormente seguido pela produção do álcool, teve influência direta na formação da cultura de Campos, visto que, por muito tempo, constituiu a base econômica da cidade (Diagrama 4). Toda a Baixada campista esteve fortemente marcada no período do ciclo da cana-de-açúcar, representado pelas numerosas propriedades agrícolas arrendadas pela monarquia portuguesa para cultivo de cana-de-açúcar.

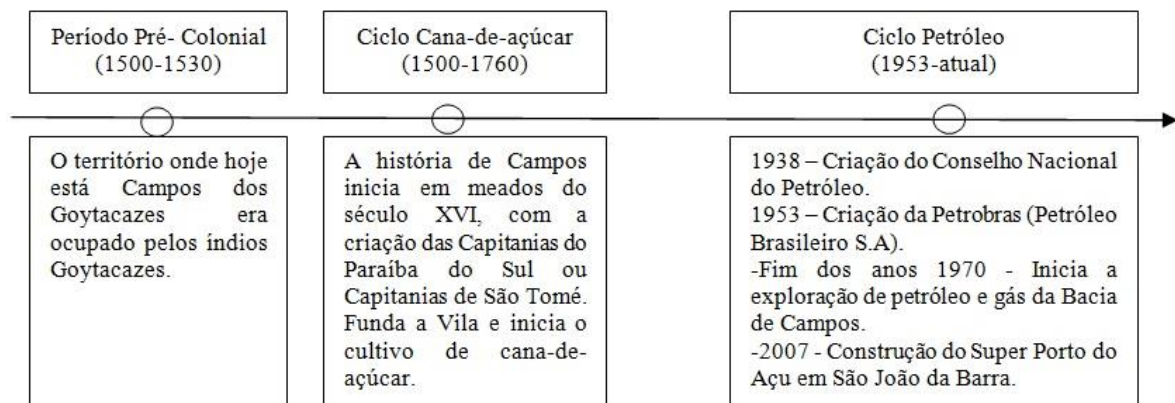


Diagrama 4: Acontecimentos relativos à cidade de Campos dos Goytacazes. Fonte: Elaboração da autora a partir das obras: Paraíba do Sul, história de um rio sobrevivente; Gestão de águas no baixo Paraíba do Sul, região hidrográfica IX do Estado do Rio de Janeiro; Paraíba do Sul, um rio estratégico; Recursos hídricos: Baixo Paraíba do Sul.

É possível notar a formação do núcleo urbano de Campos dos Goytacazes à margem direita do rio Paraíba assim como sua malha urbana e sua proximidade com a lagoa do Osório. O mapa (Figura 1) é uma representação do núcleo urbano e sua



implantação na área mais elevada. Durante o período de formação do núcleo urbano no início do século XIX, os recursos hídricos foram utilizados de forma predatória, conforme os interesses econômicos desta época, devido à aparência de grande disponibilidade (GUIMARÃES, 2007).

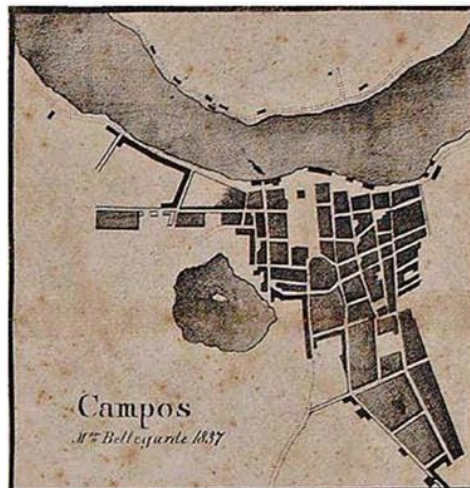


Figura 1: Cartografia Histórica da cidade de Campos em que se registra o Rio Paraíba do Sul e a Lagoa do Osório na sua formação urbana. Fonte: Arquivo Municipal de Campos.

Em 1840, implantou-se o primeiro plano urbanístico para o município, o Plano Pralon, elaborado pelo engenheiro francês Amélio Pralon. Este plano proporcionou à cidade uma estruturação baseada em eixos diagonais que facilitaram sua expansão na região que abrangia apenas a área central, e se destacou pela valorização dos espaços livres, com novas praças e com um desenho urbano retilíneo que acompanhava as quadras representadas como tabuleiro de xadrez (PINTO, 2006 apud CARNEIRO, 2015).

Apenas em 1852 é avistada a primeira carreira de embarcação a vapor, nomeada de “Goytacaz”, e o seu trajeto experimental foi à cidade de São João da Barra. Suas rotas eram Campos – São João da Barra – Rio e Campos – Imbetiba – Rio e ocorreram até 1887, quando fez a sua última viagem e naufragou causando a morte de quatorze pessoas (RODRIGUES, 1988). Souza descreve as viagens da seguinte maneira:

“Nem sempre corriam placidas as viagens fluviaes e marítimas, tanto que, além da citada explosão da «Rainha do Parahyba», sossobrou no Fundão em 1855 o vapor «Flor do Parahyba»; em 16 de Outubro de 1857 o patacho «Jovem Adelina», assim os vapores «Hermes» e «Goytacaz», cujos grandes sinistros narraremos adiante minuciosamente. Os vapores nem sempre

podiam sahir ou entrar na barra nos dias marcados, pois muito dependiam elles das marés da lua cheia... ficando por vezes retidos dois ou mais dias” (SOUZA, 1935).

O processo de urbanização da cidade dá-se a partir da implantação dos engenhos centrais, em 1877, prosseguindo assim até a virada do século XX. Campos apresentava até então grande progresso, mas assim como outros centros urbanos brasileiros com portos, localizados em baixadas litorâneas, encontrava-se em uma região com meio-ambiente formado por grandes áreas alagadiças. Pinto (2006) descreve a preocupação com as enchentes que sempre atingiram a cidade:

“Quando se iniciam as chuvas de verão, as águas sobem de nível, agitam-se e adquirem velocidade, deixando as populações ribeirinhas inquietas e preocupadas. Quando passa pela cidade de Campos, chega a subir assustadoramente. Dá-se, então, a enchente, quando o rio transborda, penetra ao longo das margens, invade as ruas calçadas e desloca as populações pobres que habitam as proibidas áreas ribeirinhas. Não há nada que interrompa sua marcha, trazendo então muitos dias de aflição à população campista” (PINTO, 2006 apud CARNEIRO, 2015).

O caminho utilizado para o Rio de Janeiro desde o século XIX, era via oceano, adentrando o interior pelo rio Paraíba do Sul. Há relatos que confirmam a visita de D. Pedro II a Campos, vindo de embarcação com grande comitiva desde São João da Barra até Campos, segundo Pinto (2006). A chegada da ferrovia ao interior norte fluminense provocou uma importante mudança no transporte de mercadorias: passaram a ser transportadas por via férrea o que antes era transportado através do canal Campos-Macaé, representado em azul no mapa (Figura 2) junto às construções portuárias e à igreja matriz.

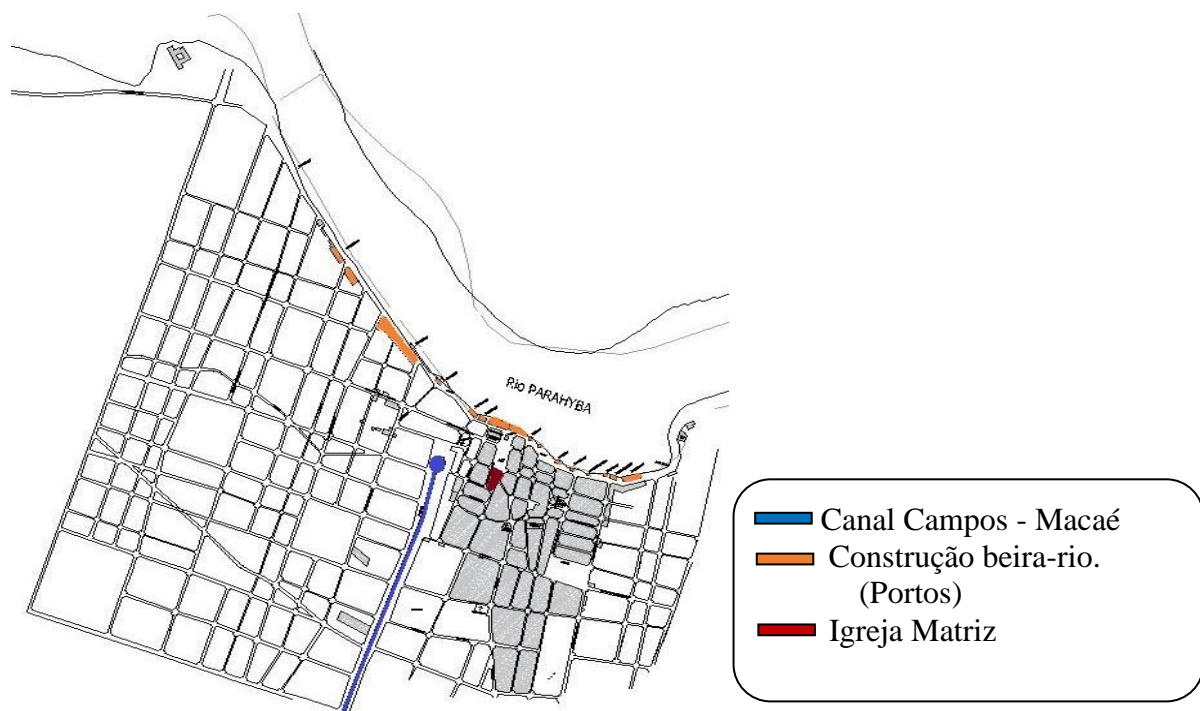


Figura 2: Crescimento urbano de Campos no período de 1926 onde já havia uma agroindústria expressiva. Fonte: Elaboração da autora a partir da Cartografia de Campos, fornecida pelo Arquivo Municipal de Campos em 02/04/2017.

Campos vivenciava o “ciclo da cana-de-açúcar” até o início do século XX quando São Paulo e o Nordeste assumiram altos níveis de produtividade. Durante um longo período, o rio esteve de forma mais participativa na economia local, sendo este período bastante extenso e enriquecedor para região. Até a década de 20, foi possível observar a importância de diversos portos localizados na margem direita do rio próximo a Lapa com a função de ligação e porta de entrada e abastecimento para a cidade.

Na linha temporal (Diagrama 5) é possível observar as transformações que ocorreram na cidade de Campos dos Goytacazes, financiadas pela economia local junto ao rio Paraíba do Sul, desde a construção do canal que ligou a cidade de Campos a cidade de Macaé, a inauguração da Companhia de Navegação São João da Barra e Campos, assim como a decadência da navegação com a chegada da ferrovia em 1896.

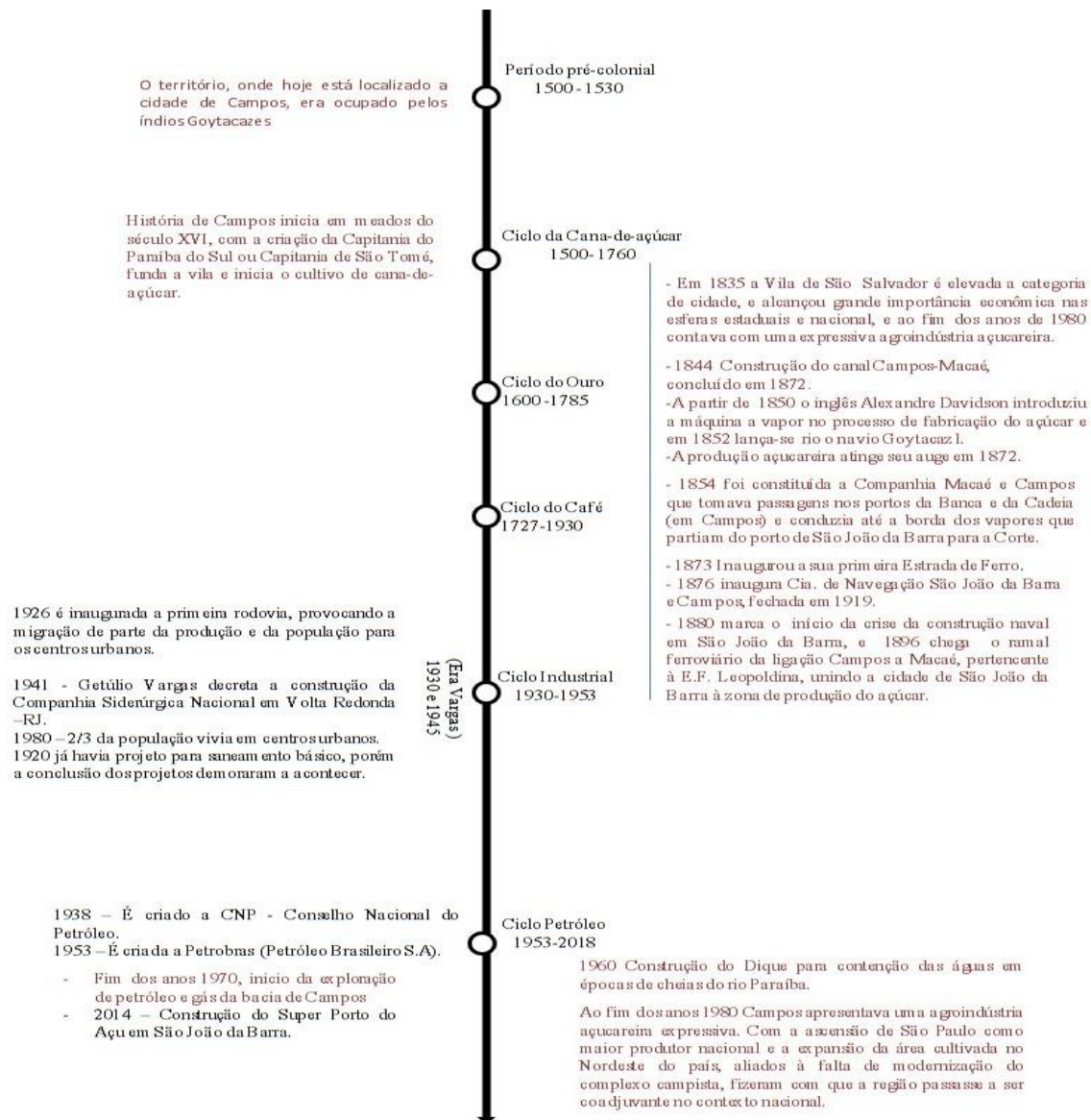


Diagrama 5: Os acontecimentos relativos ao Rio Paraíba do Sul na cidade de Campos dos Goytacazes. Fonte: Elaboração da autora a partir das obras de Luís Patriani e Vladimir Cunha (2010) e Victor Coelho (1937).

Durante todo o processo de desenvolvimento urbano, em que os rios foram deixados de lado e tratados como meros canais condutores, a urbanização produzida por esse pensamento foi criando, na população, uma visão pela qual o papel do rio estava majoritária, se não unicamente, associado a percepções ruins como ameaça de inundações, obstáculo à circulação e mau cheiro – paralelamente relegando à segundo plano a imagem pela qual o rio, um dia, representava balneabilidade e fonte de riqueza. Esta transformação enfraqueceu uma consideração positiva sobre o rio e o distanciou das pessoas no processo de interação com a população.

Brito e Silva (2006) mencionaram que a desvalorização das áreas ribeirinhas converge para transformá-las em paisagem residual também sujeitas a ocupações irregulares. A preocupação de integração entre os espaços urbanos e a natureza é algo relativamente recente. Nuno Portas descreve o papel do arquiteto, urbanista no desenvolvimento da paisagem da seguinte forma:

“As transformações espaciais, tornam possível programar políticas ambientais criativas ou soluções técnicas inovadoras e arrojadas, nas quais disciplinas como o urbanismo e arquitetura ou design, assumam relevo na estruturação sustentável de futuras ações de reconversão a plurifuncionalidade dos espaços, particularmente os residenciais e comerciais, a criação ou preservação de parques e corredores verdes; a concepção de redes e infraestruturas urbanas de acordo com princípios de equilíbrio ecossistêmico” [...] (PORTAS, 1998, p. 97).

Os períodos históricos foram divididos por fases onde foi também possível representar, através de cartografia, as mudanças no território de acordo os acontecimentos nos Diagramas 6 e 7.

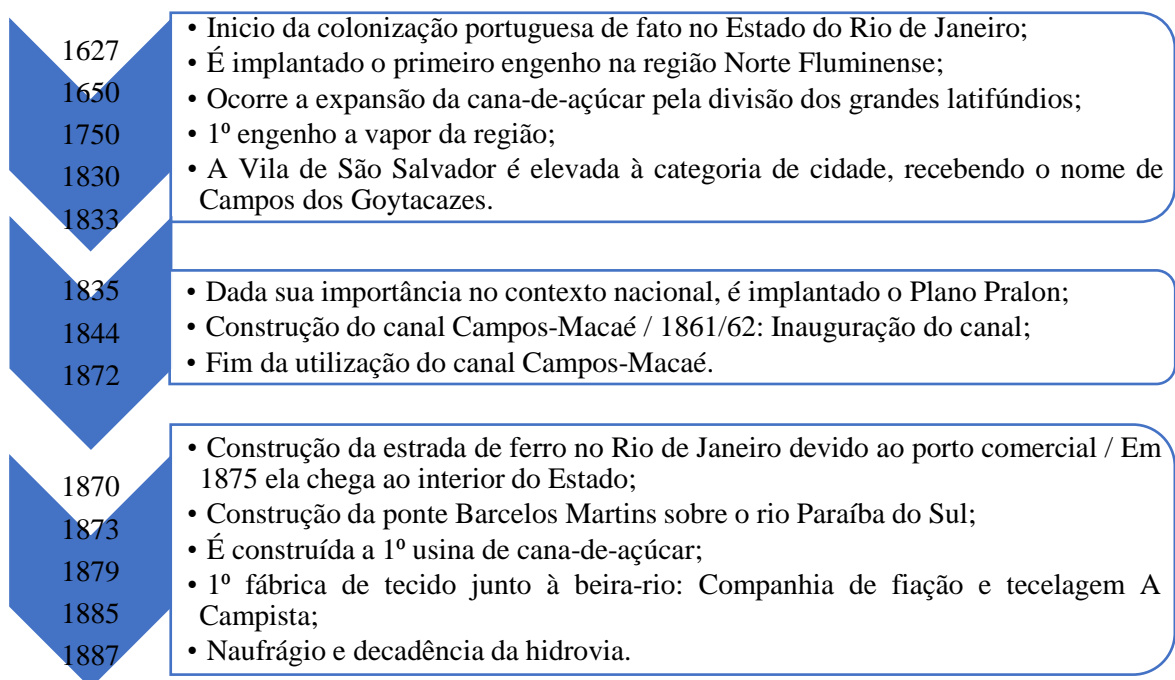


Diagrama 6: Evolução dos acontecimentos históricos na formação do núcleo urbano de Campos dos Goytacazes e os fatores que influenciaram neste primeiro momento. Fonte: Elaboração da autora a partir de levantamento históricos.

Quando observa-se o tecido urbano formado às margens do rio Paraíba do Sul, pode-se notar que sua configuração exprime uma realidade temporal. Coelho (2015)

define este conceito como um processo evolutivo que condensa toda uma história e traduz cada momento que explica a riqueza formal de cada cidade e permite uma leitura no processo evolutivo dos variados tecidos urbanos existentes.

De 1627 a 1833 ocorreu a ocupação do território e a implantação dos primeiros engenhos que impulsionaram, naquele momento, a expansão e criação de grandes latifúndios (LAMEGO, 1945). Na Figura 3, observa-se na escala geral a marcação da divisa do território urbano com a implantação do primeiro núcleo urbano e a presença do rio e suas lagoas. O mapa em escala mais próxima apresenta a ocupação do núcleo urbano estabelecido junto ao rio Paraíba do Sul.

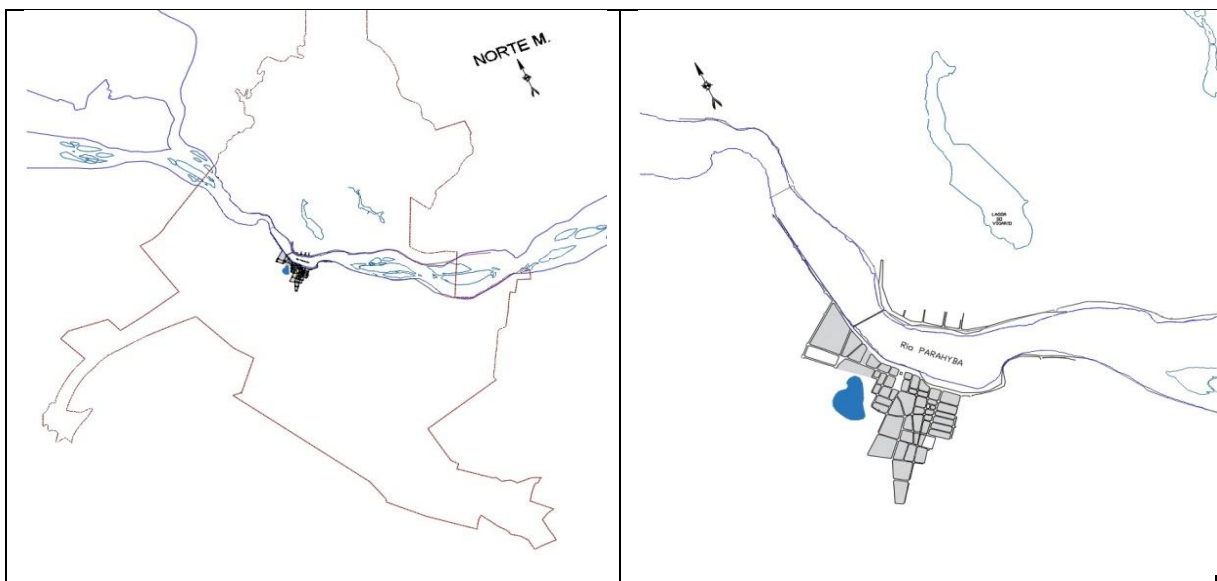


Figura 3: Mapa do crescimento urbano no período de 1837. Fonte: Elaboração da autora a partir da Cartografia de Campos, fornecida pelo Arquivo Municipal de Campos.

As primeiras intervenções urbanísticas a fim de organizarem o crescimento do território de Campos dos Goytacazes datam do período de 1835 a 1872. O Plano Pralon abrangia a área apenas central e se destacou pela valorização do espaço livre. É um período de grande valorização econômica e cultural na região, em que o processo de urbanização fica marcado pela implantação dos engenhos centrais (usinas de açúcar). Havia diversos portos no rio Paraíba do Sul e sua navegabilidade era de suma importância para escoamento da produção de açúcar, o principal produto desta região. Entre 1845 e 1858, a Câmara desapropria as edificações localizadas na beira-rio (com pouco mais de 4 km de extensão) onde se encontravam os mais importantes edifícios da cidade - que, segundo alguns, seriam capazes de resistir até os dias atuais (Figura 4)

representando o núcleo urbano estabelecido e o planejamento proposto (LAMEGO, 1945).

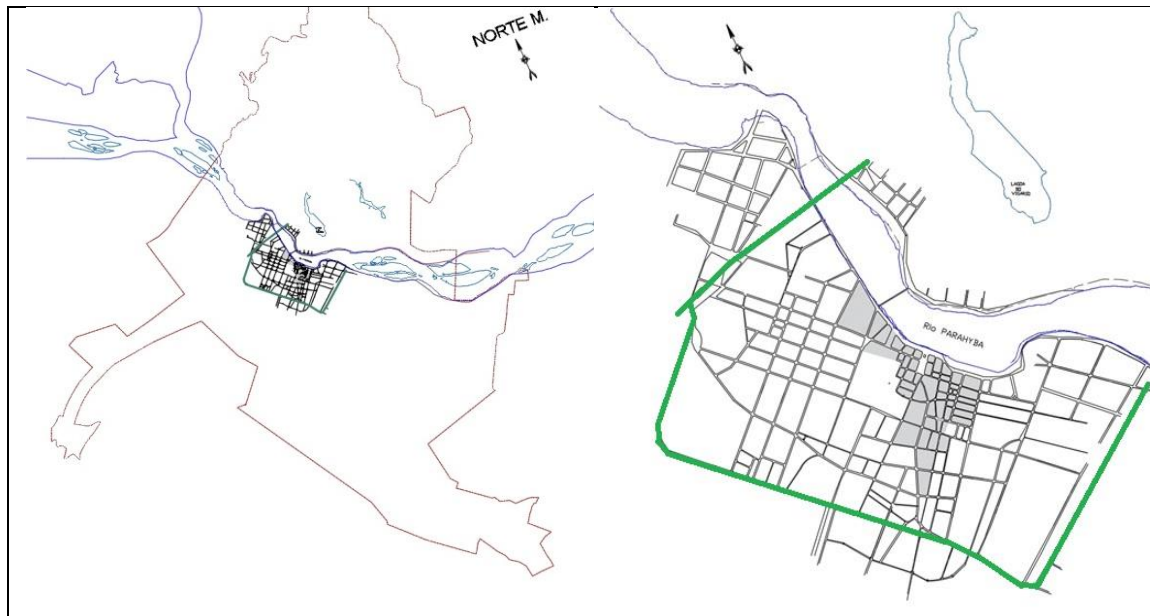


Figura 4: Crescimento urbano até 1845 e o primeiro planejamento de crescimento urbano. Fonte: Elaboração da autora a partir da Cartografia de Campos, fornecida pelo Arquivo Municipal de Campos.

O aparecimento da ferrovia (marcado de cor verde na Figura 4) facilitou a ocupação e expansão da cidade, tornando minoritária a utilização da hidrovia como meio de transporte para o açúcar e demais mercadorias, sendo sua decadência marcada pelo naufrágio de 1887. Na Figura 5 é possível observar a conclusão do recém-inaugurado canal Campos-Macaé, que teve um período muito curto de utilização devido à chegada da ferrovia na região. Contam registros de 1890 que o território do município já tinha tal desenvolvimento que atingiu praticamente as fronteiras atuais; através dos mapas, é possível observar a área central com uma representação bastante densa – na qual se mantém praticamente a mesma, hoje, a estrutura de meados do século XIX. A expansão urbana, neste período, apresenta-se de forma dispersa, quase totalmente contida no quadrilátero formado pelo rio e pelos leitos das ferrovias.

Na virada para o século XX, a cidade apresentava grande progresso, mas assim como outros centros urbanos brasileiros com portos, localizava-se em uma baixada litorânea formada por grandes áreas alagadiças. A elaboração do plano de Saturnino de Brito dedicou atenção à situação das lagoas, dos brejos, da salubridade e do nível da água, alterando significativamente a configuração urbana (Figura 5). Neste período, o

rio deixa de protagonizar a fase de desenvolvimento urbano e passa a ser tratado como elemento secundário. Exemplo disso é o fim das regatas no Paraíba do Sul em 1940. Faria (2005) relata que após o Plano Urbanístico de Saturnino de Brito, a região de Guarus, localizada na margem esquerda do rio, passa então, a fazer parte do perímetro urbano de Campos, apesar de ser o local da cidade com maiores problemas e uma área bastante segregada. Neste período, houve uma procura por terrenos planos e próximos aos rios para facilitar o acesso e escoamento das matérias-primas: período marcado pelas áreas de aterro, portos e caminhos de ferro.

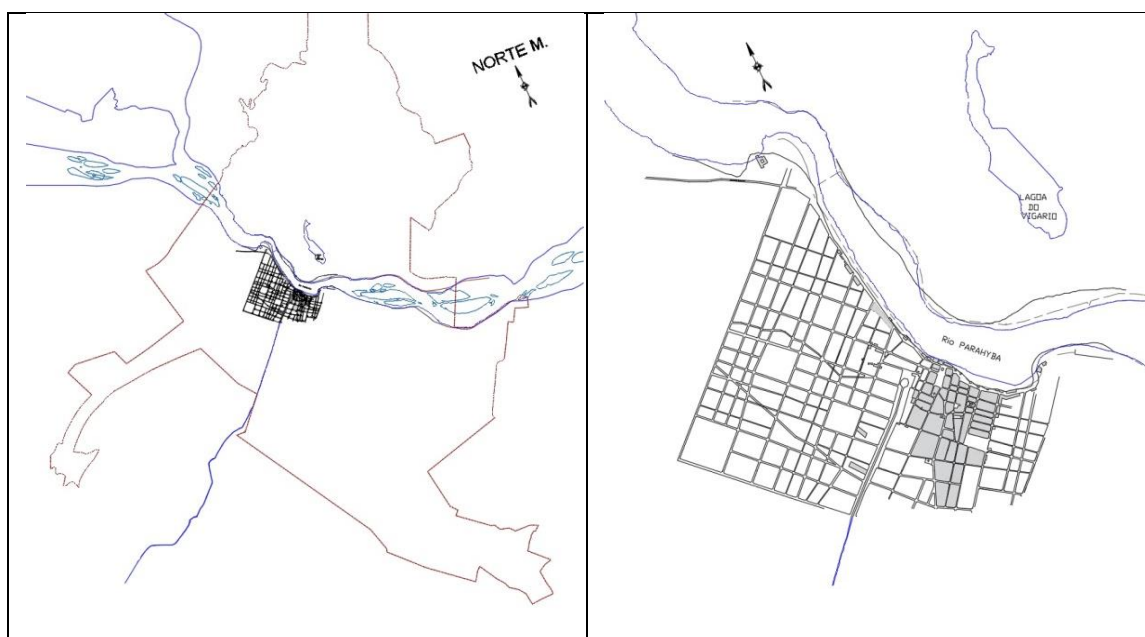


Figura 5: Crescimento urbano no período de 1858 a 1861 e o planejamento para o crescimento da cidade. Fonte: Elaboração da autora a partir da Cartografia de Campos, fornecida pelo Arquivo Municipal de Campos.

Em 1944 o Escritório de Urbanismo Coimbra Bueno, em conjunto com o arquiteto e urbanista francês Alfred Agache, planejou um novo projeto urbanístico para a cidade. Ele se chamou “Plano de Reordenação Urbana da Cidade de Campos” e trouxe ideias de remodelação, expansão e embelezamento, influenciados pela expectativa de crescimento futuro. Foram propostos: a abertura de novas avenidas, o alargamento de vias existentes, a pavimentação em paralelepípedos, a modernização da infraestrutura existente e sua ampliação em direção à periferia da cidade, a reformulação de jardins existentes e a criação de novos parques e jardins (CARNEIRO, 2015).

A chegada da linha férrea em 1897, que ligava Campos a São João da Barra, e a ampliação da estrada ligando Macaé à Niterói marcaram a decadência da navegação.



Neste momento houve um crescimento das cidades oriundo da relação trabalho e moradia e a diminuição do transporte hidroviário. O crescimento e desenvolvimento urbano são marcados pelas intervenções urbanísticas dos Planos Urbanos e a descoberta do petróleo na Bacia de Campos (Diagrama 7) (CHRYSOSTOMO, 2017).

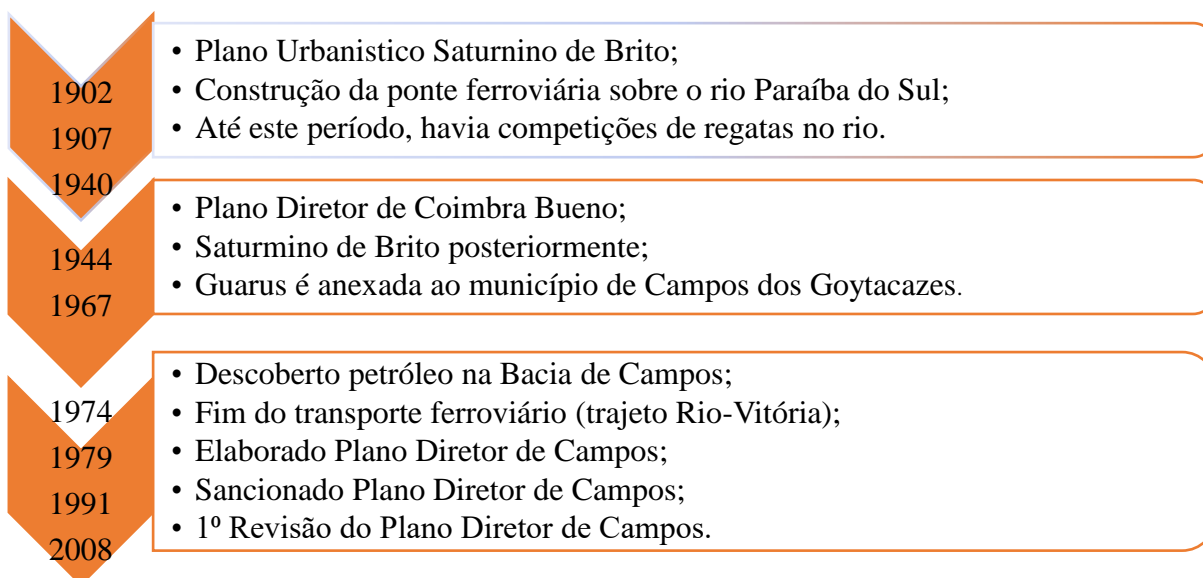


Diagrama 7: Evolução dos acontecimentos históricos na formação do núcleo urbano de Campos dos Goytacazes e os fatores que influenciaram neste segundo momento (fase 2 e fase 3). Fonte: Elaboração da autora a partir de levantamento histórico.

O surgimento da ferrovia facilitou a ocupação e expansão da cidade. Em registros de 1890, consta que o território do município já tinha tal desenvolvimento que atingiu praticamente seu formato atual (Figura 6). Este fator conduziu ao rápido declínio da importância do canal Campos-Macaé, assim como a falência das usinas de cana-de-açúcar em Campos. A cidade se vê encurralada pelos conflitos oriundos da expansão urbana e a insuficiência de planejamento.

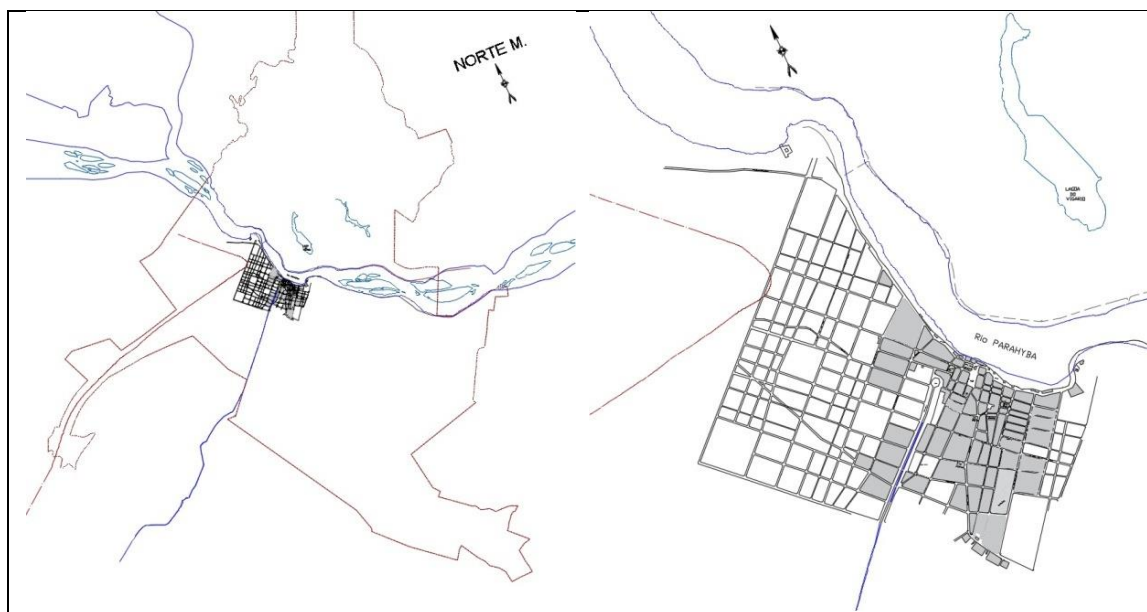


Figura 6: Presença marcante da ferrovia no território urbano: elemento estruturante do crescimento da cidade no período de 1900. Fonte: Elaboração da autora a partir da Cartografia de Campos, fornecida pelo Arquivo Municipal de Campos.

O município teve, em 1991, o seu Plano Diretor sancionado, com o objetivo de promover a ordenação do território municipal. Esse foi revisto em 2008, de forma participativa, atendendo a exigências do Estatuto da Cidade, lei federal 10.527/01 que propugnava princípios, diretrizes e normas orientando ações influentes no desenvolvimento urbano, incluindo o adensamento, a expansão e a definição de zonas de uso do solo e redes de infraestrutura (Figura 7) (ARAÚJO, *et al*, 2019).

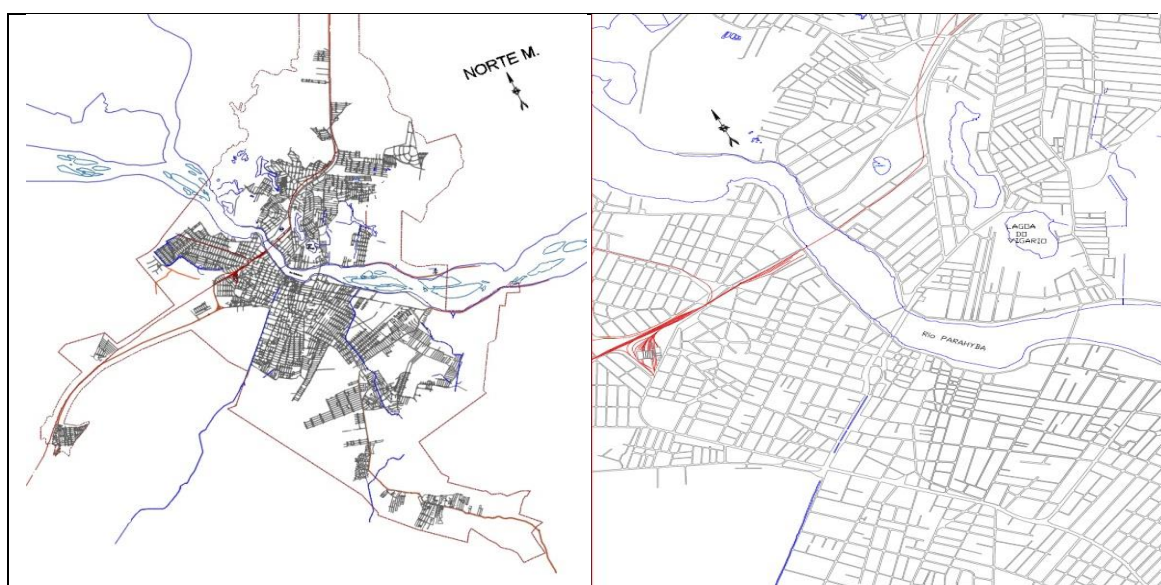


Figura 7: Mapa do município de Campos dos Goytacazes elaborado pelo plano diretor vigente. (Fonte: Elaboração da autora a partir da Cartografia de Campos, fornecida pelo Arquivo Municipal de Campos.)

A partir desta reflexão acerca da identidade formada a partir da morfologia do rio junto à cidade de Campos dos Goytacazes, entendeu-se a necessidade da requalificação da frente ribeirinha com propostas que resgatem a identidade das relações adormecidas entre esta e a população. Dentre as diretrizes definidas no Plano Diretor Municipal destaca-se a delimitação dos Setores Especiais de Preservação (SEP) que possuem um papel importante na proteção e preservação do sistema hídrico, bem como a necessidade da criação e manutenção de áreas verdes, fundamentais para a preservação da água (ARAÚJO, *et al*, 2019).

Na Figura 7 estão presentes os principais elementos estruturantes que contribuíram para a configuração atual de Campos dos Goytacazes, como a presença do rio Rio Paraíba do Sul, as ferrovias, o canal Campos-Macaé e as principais rodovias. Estes elementos influenciaram a construção e crescimento da malha urbana atual da cidade.

O caso de Campos é um exemplo dentre os de muitas outras cidades em que a relação da população com o rio perdeu características positivas apesar do quanto ele, o rio, tenha contribuído para o desenvolvimento socioeconômico e da sua utilização para recreação, bem como o valor relevante do rio como patrimônio cultural local (CARNEIRO, 2019).

Em Campos dos Goytacazes, assim como em muitas cidades portuárias, os rios perderam funcionalidade e viram seus espaços à beira-rio se transformarem em locais subutilizados e abandonados. Hoje, na cidade, este quadro encontra-se um tanto fragmentado seja pela relação física, quando o rio interrompe a cidade e segmenta-se através da existência das contenções em suas margens; seja pela relação funcional, em que as margens se encontram subutilizadas com a implantação de estacionamentos, terminais de ônibus e o alto fluxo de veículos: o que prejudica a contemplação da paisagem natural remanescente.

Faz-se necessário resgatar estas relações e transformá-las em espaços funcionais e paisagisticamente atraentes para a população. Carneiro (2019) reconhece a paisagem do rio Paraíba do Sul como elemento simbólico importante para o entendimento do espaço ribeirinho através de práticas sociais e novas relações culturais.

## 5. CONCLUSÕES

No decorrer desta investigação foi possível identificar potencialidades das frentes ribeirinhas e desenvolver uma tipologia de processo racional na realização de uma proposta para a implementação ou modificação da paisagem de Campos dos Goytacazes e outras cidades ribeirinhas. A compreensão do tecido urbano no caso de Campos dos Goytacazes e sua relação com o rio Paraíba do Sul revelaram um modelo de crescimento baseado na produção agrícola e industrial (cana-de-açúcar) onde a circulação fluvial apontou para uma dinâmica de crescimento econômico específica que gerou um desenvolvimento urbano desordenado e cada vez mais caótico com o decorrer de mudanças econômicas como a decadência das usinas e a exploração da bacia de petróleo em Campos.

A contribuição desta pesquisa está representada nas cartografias e nas respectivas análises, onde foi possível relacionar a formação e desenvolvimento da cidade com o funcionamento da paisagem natural e os recursos hídricos. Deste modo, identificamos algumas potencialidades das frentes ribeirinhas, como elementos marcantes na implementação ou modificação desta paisagem.

O rio Paraíba do Sul é um componente importante na leitura do tecido urbano de Campos dos Goytacazes, cuja articulação reconhece como elemento identitário urbano e cultural que permite compreender parte do processo de desenvolvimento deste sítio que se encontra desvalorizado e esquecido. As transformações e projetos de requalificação no espaço urbano localizado junto aos rios possuem um papel importante nas relações e especificidades entre estes territórios ocupados e os vazios urbanos. Esta relação tem a vantagem de não apenas articular o tecido urbano e as áreas ribeirinhas, como a prover uma mudança de paradigma.

Para além de estabelecer princípios, diretrizes e normas, para orientar as ações que influenciam no desenvolvimento urbano, é necessário aproximar a população com maior consciência ecológica dos recursos hídricos, contribuindo para que esta venha a valorizar a paisagem e dimensionar sua importância para as atuais e futuras gerações.

## 6. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS – ANA. **Estudos Auxiliares para a Gestão do Risco de Inundações. Bacia do Rio Paraíba do Sul.** ANA 2011. Disponível em: <http://gripbsul.ana.gov.br/ABacia.html>. Acesso em: 14 de mar. 2021.

ARAÚJO, R. S.; PINHEIRO, J. B.; NUNES, I. N.; RANGEL, C. F. R.; CHRISPIM, Z. M. P. Execução do Plano Diretor de Campos dos Goytacazes, RJ. **Perspectivas Online: Humanas e Sociais Aplicadas**, Campos dos Goytacazes, v. 9, n. 26, p. 141-162, 2019.

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ASSOCIAÇÃO PRÓ-GESTÃO DAS ÁGUAS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PARAÍBA DO SUL – AGEVAP. **Relatório técnico: bacia do rio Paraíba do Sul - Subsídios às ações de Melhoria da gestão.** AGEVAP, 2011. Disponível em: <http://www.agevap.org.br/downloads/Relatorio%20Geral%20versao%20para%20site%2029dez11.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

BRITO, A. L.; SILVA, V. C. da. Viver às margens dos rios: uma análise da situação dos moradores da favela Parque Unidos de Acari. In: COSTA, L. M. S. A. (org.). *Rios e paisagens urbanas em cidades brasileiras.* Rio de Janeiro: Viana Et Mosley: ed. PROURB, 2006.

CAMPOS DOS GOYTACAZES (Município). ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ. **Fotos antigas de Campos dos Goytacazes.** Campos dos Goytacazes, RJ: APMCG, 2015.

\_\_\_\_\_. CÂMARA DOS VEREADORES. **Lei número 7.972, de 31 de março de 2008:** institui o plano diretor do município de Campos dos Goytacazes. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/plano-diretor-campos-dos-goytacazes-rj>. Acesso em: 19 out. 2014.

CARNEIRO, S. M. C. **À margem da cidade: o Rio Paraíba do Sul na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes/RJ.** 2015. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades) – Universidade Candido Mendes – Campos. Campos dos Goytacazes, 2015.

CARNEIRO, S. M. de C. A Simbologia da água e do seu papel na identidade cultura local. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, Campos dos Goytacazes, v. 9, n. 24, p. 69-80, 2019.

COELHO, C. D.; COSTA, J. P.; SILVA, J. M.; TRINDADE, L.; PEREIRA, P.; PROENÇA, S. B.; FERNANDES, S. P.; MONTEYS, X. **Cadernos de Morfologia Urbana estudos da cidade portuguesa.** Os Elementos Urbanos. 2ª edição. Argumentum. 2015.

CHRYSOSTOMO, M. I. J. **Os rios e pântanos nas principais representações cartográficas da vila Campos dos Goytacazes:** imaginação geográfica e disputa de poder (final do século XVIII até começo do XIX). Dossiê Araguaia. n 31. 2017.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/12048#quotation>. Acesso em: 14 mar. 2021.

FARIA, T. J. P. Configuração do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: novas centralidades, velhas estruturas. **Anais do X Encontro de Geografia da América Latina** - 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

GUIMARÃES, L. R. **Desafios jurídicos na proteção do sistema Aquífero Guarani**. São Paulo: LTr, 2007.

LAMEGO, A. R. **O Homem e o Brejo**. In. Setores da Evolução Fluminense. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE. Rio de Janeiro. 1945

PATRIANI, L.; CUNHA, V. **Paraíba do Sul: história de um rio sobrevivente**. São Paulo: Horizonte, 2010.

PINTO, J. R. P. **Um pedaço de terra chamado Campos: sua geografia e seu progresso**. Campos dos Goytacazes: Fundação Jornalista Oswaldo Cruz, 2006.

PORTAS, N. Água, cidades e frentes de água. In. **Cities & waterfront**. Mostra de projectos de reconversão em frentes de água. Inova. 1998

RODRIGUES, H. S. **Na taba dos Goytacazes**. Niterói: Imprensa Oficial, 1988.

SARAIVA, M. G. M. A. N. L. Cidades e Rios. Problemas, oportunidades e desafios. Cidades e rios. **Perspectiva para uma relação sustentável**. Lisboa: Fundação Parquexpo. 2009.

SOUSA, H. **Cyclo Áureo: História do 1º centenário da cidade de Campos 1835 – 1935 /** Horácio Sousa.— Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2014. 445 p.; il. - (Memórias Fluminenses; v.1).